



O Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na Fase Adulta: Uma Scoping Review

Hellen Cristina de Oliveira Alves¹

Resumo: O propósito deste estudo é analisar as produções científicas sobre o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista. Para realizar essa pesquisa, foram consultados artigos nas bibliotecas virtuais Scielo e BvS, utilizando descritores específicos. Observou-se uma escassez de material disponível sobre o assunto em língua portuguesa. Isso ocorre devido ao foco predominante da comunidade científica no diagnóstico precoce de crianças com Transtorno do Espectro Autista, o que tem impactos negativos na qualidade de vida dos pacientes na fase adulta. É crucial sensibilizar e conscientizar os profissionais de saúde para que considerem a possibilidade de diagnóstico de transtorno do espectro autista em adultos. Isso é essencial para atender a uma parcela significativa da população que pode estar vivenciando os desafios associados ao TEA durante a vida adulta.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista. Diagnóstico tardio. Autismo no Adulto.

The Diagnosis of Autism Spectrum Disorder in Adulthood: A Scoping Review

Abstract: The purpose of this study is to analyze scientific productions on the late diagnosis of Autism Spectrum Disorder. To carry out this research, articles were consulted in the Scielo and BvS virtual libraries, using specific descriptors. There was a lack of available material on the subject in Portuguese. This is due to the predominant focus of the scientific community on the early diagnosis of children with Autism Spectrum Disorder, which has negative impacts on the quality of life of patients in adulthood. It is crucial to raise awareness and awareness among healthcare professionals so that they consider the possibility of diagnosing autism spectrum disorder in adults. This is essential to serve a significant portion of the population who may be experiencing the challenges associated with ASD during adulthood.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Late diagnosis. Autism in Adults.

¹ Psicóloga e pesquisadora em Psicologia Social e Psicologia Ambiental. Graduada em Psicologia pela Faculdade Santo Agostinho, Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Latino-americana de Educação, Especialista em Neuropsicologia pelo Centro Universitário Christus, Especialista em Terapia Cognitivo-Comportamental pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí, Mestranda em Psicologia pela Universidade Federal do Delta do Parnaíba. hellencriss@gmail.com.

Introdução

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) está sendo objeto de estudos cada vez mais aprofundados, impulsionados pelo aumento global da prevalência de casos. Este distúrbio do neurodesenvolvimento é analisado em relação a diversas causas, resultando em diferentes níveis de classificação de severidade.

Esse Transtorno é caracterizado como um conjunto variável de desordens neurológicas que se manifestam precocemente, impactando o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamentos sensório-motores restritos e repetitivos. Essa condição está vinculada a uma gama de sinais e sintomas, sendo sua etiologia relacionada a fatores genéticos e outros elementos de risco.

Apesar do crescente conhecimento atual acerca do autismo, há uma escassez de material e conclusões efetivas em relação ao diagnóstico tardio do TEA. E isso nos leva ao questionamento: O que a ciência tem produzido para auxiliar pessoas com diagnóstico tardio de autismo?

Esse cenário deixa milhares de indivíduos sem orientações, prejudicando o pleno desenvolvimento de suas habilidades sociocomunicativas, interação social e comportamentos. Tal situação os coloca à margem do que é considerado "normal", acarretando considerável sofrimento e angústia.

Esse estudo de revisão visa não apenas explorar o diagnóstico tardio do Transtorno do Espectro Autista, mas também compreender e analisar as repercussões que esse diagnóstico tardio acarreta a vida dos pacientes durante a fase adulta. Além disso, busca-se entender os avanços científicos sobre a temática.

É essencial sensibilizar e conscientizar os profissionais de saúde e a comunidade sobre as dificuldades de adultos com autismo, a fim de que eles levem em consideração o diagnóstico, prognóstico e necessidades dessa população.

Para isso, foi utilizado uma scoping review nas bibliotecas virtuais Scielo e BvS. Como critérios de inclusão, foram utilizados estudos publicados entre 2013 e 2023, que tivessem envolvimento de participantes adultos diagnosticados com autismo. Os termos de busca utilizados foram "autismo" OR "transtorno do espectro autista" OR "TEA" AND "adulto" OR "diagnóstico tardio". Foi avaliada a qualidade metodológica dos estudos incluídos e extraídos

dados relevantes sobre características da população, intervenções, comparações e resultados. Considerou-se, ainda, a heterogeneidade dos estudos ao realizar a síntese dos resultados.

O trabalho está dividido em uma introdução sobre o tema, na descrição do Transtorno, na metodologia utilizada, em resultados alcançados e na conclusão final.

Transtorno do Espectro Autista em Adultos

Conforme a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento. Ele se caracteriza pela dificuldade na comunicação, na interação social e por comportamentos restritivos ou repetitivos. Apresenta variações em gravidade e manifestação, sendo uma condição permanente.

Conforme Gardener e Lyall (2014), fatores epidemiológicos estão ligados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA) desde o período perinatal até a vida adulta. Durante o período perinatal, estudos apontam que condições como diabetes e hemorragia gestacional, o uso de medicamentos como o ácido valpróico, bem como a exposição a substâncias como álcool e drogas, infecções durante a gravidez e a presença de depressão materna são considerados como situações de risco para o desenvolvimento do TEA.

No período neonatal, diversos estudos identificam elementos facilitadores, como a hipóxia e o baixo peso ao nascer, partos prematuros, seja por cesariana, múltiplos nascimentos, hemorragia materna, sofrimento fetal, dificuldades respiratórias, complicações relacionadas ao cordão umbilical, lesões e traumas durante o parto, além de malformações congênitas e uma pontuação baixa no teste de Apgar aos cinco minutos de vida (GARDENER; LYALL, 2014).

O diagnóstico precoce desempenha um papel crucial na melhoria do prognóstico, atenuando os sintomas e proporcionando uma melhor qualidade de vida para os portadores. Embora os sintomas possam ser identificados entre 12 e 24 meses de idade na maioria dos pacientes, o diagnóstico tardio pode acontecer impactando adversamente as habilidades sociocomunicativas, interação social e comportamentos. Esta lacuna os coloca à margem do que é considerado "normal", acarretando considerável sofrimento e angústia ao longo de suas vidas.

Valerie Gaus e Tony Attwood (2018) destacam a importância da consideração de características específicas do autismo em adultos, incluindo a variação nas manifestações clínicas. Attwood ressalta a necessidade de uma abordagem holística, levando em conta não

apenas os critérios diagnósticos tradicionais, mas também fatores contextuais e de adaptação social.

Sue Fletcher-Watson e Francesca Happé (2019) discutem a heterogeneidade do espectro autista em adultos. Seu trabalho destaca a diversidade nas apresentações clínicas do autismo, enfatizando que a condição pode ser menos evidente em adultos do que em crianças. As autoras enfatizam a importância de avaliar as características sutis do TEA e de reconhecer a coexistência de outras condições neuropsiquiátricas.

Fred Volkmar e Lisa Wiesner (2018), por sua vez, destacam a necessidade de métodos diagnósticos que considerem o desenvolvimento ao longo da vida, uma vez que as manifestações do autismo podem se modificar e se adaptar à medida que os indivíduos envelhecem. Os autores também sublinham a importância de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais de diferentes áreas, para um diagnóstico preciso.

O diagnóstico em adultos muitas vezes requer uma abordagem mais sutil e contextual, considerando o funcionamento adaptativo e as demandas sociais. A avaliação deve ir além dos critérios diagnósticos tradicionais, incorporando a observação das características específicas do TEA em adultos. A flexibilidade na aplicação de instrumentos diagnósticos, adaptando-os às características individuais, é fundamental para garantir uma identificação precisa.

Metodologia

Foi adotado o método de scoping review, uma abordagem comumente usada para examinar a extensão e a natureza da atividade de pesquisa em uma área temática, resumir resultados e identificar lacunas de pesquisa na literatura existente (PHAM et al., 2014).

Semelhante às revisões sistemáticas, utiliza métodos rigorosos e transparentes que permitem a replicabilidade, mas normalmente não inclui avaliações de qualidade da literatura disponível (GRANT; BOOTH, 2009). Esta revisão seguiu o amplo processo descrito por Levac, Colquhoun e O'Brien (2010): determinação da questão de pesquisa; identificação de estudos relevantes; seleção dos estudos; mapeio dos dados; e agrupamento, resumo e relato dos resultados.

Esta revisão foi norteadada pela questão de pesquisa: O que a ciência tem produzido para auxiliar pessoas com diagnóstico tardio de autismo? O objetivo é estabelecer as definições e

dimensões do autismo em adultos mais prevalentes e perspicazes aplicadas na literatura publicada recentemente. Procura, portanto, explorar:

- Que temas ou conceitos-chave são comumente discutidos (“prevalentes”)?
- Como estes temas e conceitos são definidos e operacionalizados (“perspicazes”)?

Baseado na revisão da literatura, o artigo incluiu artigos que discutem o autismo em adultos a partir de perspectivas psicológicas, sociológicas e econômicas, entre outras dimensões. Dado o nosso foco no “autismo em adultos”, foram analisados artigos científicos publicados em um período de 10 anos (2013 a 2023) e com texto completo e em português. Como critérios de exclusão utilizamos artigos que tangenciassem a temática e que não fossem revisados por pares.

Na fase de Identificação foi realizada uma busca inicial: pesquisa nas bibliotecas virtuais Scielo e BvS: ‘Autismo’ ou ‘transtorno do espectro autista’ ou ‘TEA’ no título do artigo, pesquisados em combinação com os termos ‘adulto’ ou ‘diagnóstico tardio’ no título, resumo ou palavras-chave. Foram utilizados para realizar as buscas operadores booleanos AND/OR, filtrando os resultados de acordo com a área temática.

Na Scielo, utilizando as palavras (autismo) OR (transtorno do espectro autista) OR (TEA) AND (adulto) OR (diagnóstico tardio), foram localizados 121 artigos. Na BvS, foram localizados 500 artigos.

Indiscutivelmente, devido à amplitude da investigação captada, muitos artigos do subconjunto inicial apareceram fora do âmbito. Nesta fase foi realizada uma primeira triagem por área temática. Estes resultados foram filtrados limitando a área temática a: psicologia, saúde; e utilização de palavras-chave como: saúde mental, aspecto psicológico e diagnóstico. Na fase de Triagem, foram agrupados os resultados de ambos os tipos de busca (etapa 3), removendo todas as duplicatas (etapa 4).

A relevância potencial dos artigos para esta revisão foi inicialmente avaliada com base em seus títulos (etapa 5) e – para os demais artigos – em seus resumos (etapa 6). A última etapa explorou se os resumos descreviam abordagens de autismo em adultos. Após o download da versão em texto completo dos artigos incluídos até então (etapa 7), o agrupamento inicial dos artigos de acordo com os métodos utilizados. Na fase de Revisão e relatório, os artigos foram agrupados pelos temas conceituais (etapa 8), conforme Quadro 1.

Os critérios de exclusão foram utilizados pela autora para garantir que os artigos incluídos fossem adequados aos objetivos do nosso estudo, ou seja, fornecessem definições e

conceituações perspicazes de autismo em adultos. Embora alguns desses critérios tenham sido aplicados durante a pesquisa inicial (por exemplo, filtragem de artigos por meio de termos de pesquisa no título e resumo, tipo e data de publicação etc.), um pequeno número de artigos sem disponibilidade de texto completo ou que não eram revisados por pares foram excluídos. A base mais comum para a exclusão relacionou-se com conteúdo irrelevante para esta revisão (ou seja, as formas como o autismo em adultos foi conceitualizado), com exemplos que incluem aqueles que se concentram em aspectos físicos.

O processo de categorização baseou-se na leitura pelos autores dos títulos dos artigos, resumos e – em fases posteriores – texto completo sem auxílio de software de análise qualitativa de texto.

Discussão e Resultados

Estima-se que a prevalência global do Transtorno do Espectro Autista (TEA) seja, em média, de 20,6 casos a cada 10.000 pessoas, variando de 0,7 a 72,6 casos por 10.000. No Brasil, um estudo piloto sugere uma baixa taxa de prevalência para o Transtorno Global do Desenvolvimento, cerca de 0,3%, mas informações precisas sobre o TEA são escassas. A falta de conscientização, registros precários e diagnósticos em idade avançada são apontados como possíveis razões para os resultados, além de limitações metodológicas e escassez de estudos sobre o transtorno.

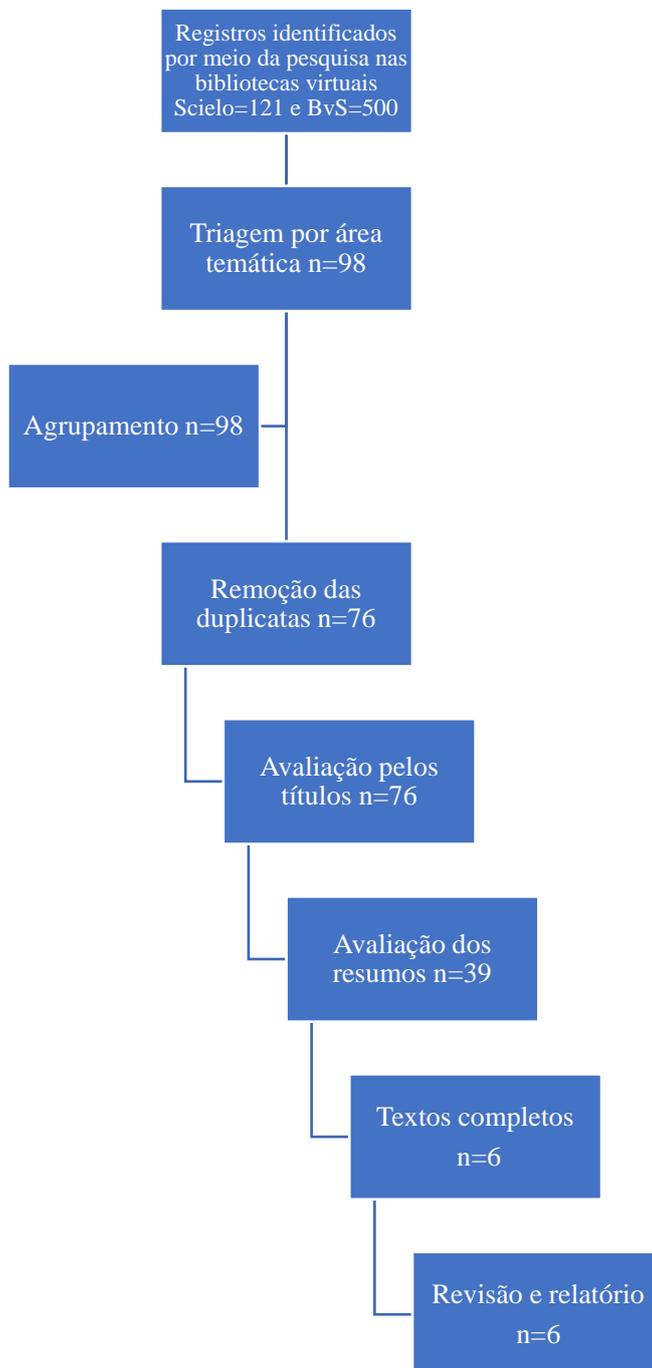
As etapas para seleção dos artigos são demonstradas detalhadamente no fluxograma (Figura 1).

Alterações no desenvolvimento cerebral, desde o período neonatal até a adolescência, desempenham um papel crucial no surgimento do TEA, afetando centros corticais e subcorticais, vias neurofisiológicas e diversas células no telencéfalo. Mudanças no crescimento cerebral, com aumento na infância e adolescência, são associadas ao TEA, seguido por declínio e anormalidades em áreas relacionadas à interpretação afetiva, perspectiva social e comunicação após a adolescência.

A herdabilidade genética do TEA varia de 40% a 90%, com uma média de 50% nas estimativas recentes. Estudos atuais destacam a interação de elementos genéticos, epigenéticos e ambientais no desenvolvimento do transtorno, incluindo deleções ou duplicações cromossômicas, mutações nucleotídicas e assinaturas epigenéticas resultantes de exposição a

fatores ambientais como metais pesados, substâncias químicas industriais e emissão de carbono veicular.

Figura 1: Fluxograma de seleção e triagem dos estudos.



Fonte: Autora, 2024.

O Transtorno apresenta uma variedade de sinais e sintomas clínicos que indicam um desenvolvimento atípico. Os comportamentos restritos e repetitivos são fundamentais no TEA, manifestando-se como interesses intensos, rituais, movimentos corporais e comportamentos de estimulação repetitiva.

Indivíduos com TEA apresentam desafios significativos na socialização e interação, refletidos em dificuldades no reconhecimento facial, na compreensão de emoções e na orientação social. Além disso, a comunicação verbal e não verbal é afetada, com a presença de ecolalia, reversões pronominais e dificuldade na expressão de sentimentos. A interação social é limitada, afetando o desenvolvimento de empatia e a compreensão de estados mentais de outros.

O processo de diagnóstico envolve uma fase inicial de triagem, seguida pelo diagnóstico definitivo utilizando ferramentas específicas que consideram os critérios estabelecidos em manuais de códigos e diagnósticos, como o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, quinta edição) e o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças, décima edição).

A triagem geralmente ocorre por observação, sendo possível identificar sinais e sintomas precocemente, com base em relatos dos pais ou cuidadores. Recomenda-se a avaliação rotineira de todas as crianças para sinais do TEA por meio de abordagens multidisciplinares. A avaliação mais aprofundada é realizada por meio de testes, entrevistas com pacientes e familiares, e outros métodos para obter um diagnóstico definitivo. É crucial que o médico forneça apoio ativo e contínuo à família, orientando sobre as intervenções e tratamentos necessários, incluindo possíveis abordagens farmacológicas.

Existem diversas ferramentas de triagem e diagnóstico do TEA, algumas ainda não estão disponíveis no Brasil. O ADI-R (Autism Diagnostic Interview-Revised) e o ADOS (Autism Diagnostic Observation Schedule) são considerados padrões-ouro. O ADI-R é uma entrevista detalhada com pais ou cuidadores, enquanto o ADOS é uma avaliação padronizada baseada em observação direta, utilizando módulos normatizados para diferentes idades e níveis de habilidades funcionais de linguagem.

É essencial confirmar o diagnóstico por meio de ferramentas mais detalhadas, exigindo treinamento específico para a aplicação adequada. Ambos os processos de triagem e diagnóstico são fundamentais para identificar precocemente o TEA e permitir intervenções eficazes.

No Brasil, a primeira política pública voltada para a saúde mental de jovens foi implementada apenas no início do século XIX. Atualmente, a Lei Berenice Piana (Lei 12.764/2012) assegura o acesso ao tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mas sua implementação enfrenta desafios, incluindo desinformação e preconceito que negam direitos a indivíduos autistas, resultando em muitos chegarem à idade adulta sem diagnóstico.

Outra lei, a Lei 13.438/2017, obriga o SUS a realizar avaliações de triagem em bebês aos 18 meses, porém, enfrenta resistência de organizações como o Conselho Federal de Psicologia e a Associação Brasileira para Ação dos Direitos da Pessoa com Autismo, devido à falta de discussão aprofundada sobre o tema e à formulação da lei.

Mesmo em países desenvolvidos, o diagnóstico tardio do TEA pode ocorrer devido a comorbidades que mascaram os traços autistas, fatores socioeconômicos, étnicos e outras variáveis. O acesso limitado a especialistas e a falta de informação contribuem para a demora no diagnóstico, especialmente em nações de baixa ou média renda, como o Brasil. Questões como barreiras econômicas, étnicas e de acesso à saúde, juntamente com a falta de informação, podem levar a diagnósticos tardios, impactando negativamente a qualidade de vida do indivíduo e de seus familiares.

Adultos com TEA, mesmo aqueles diagnosticados na infância, podem enfrentar desafios contínuos, uma vez que as legislações muitas vezes não abordam a vida adulta. Os sintomas, como agressividade e dificuldades sociais, podem persistir, e há uma lacuna significativa nos serviços sociais e de saúde disponíveis para essa população.

O diagnóstico tardio, apesar de trazer alívio para muitos, também pode gerar ansiedade devido à percepção da diferença em relação aos outros. No entanto, é percebido como uma oportunidade de autoaceitação e compreensão, fornecendo estratégias e intervenções para melhorar a qualidade de vida.

O diagnóstico é essencial identificar as necessidades individuais do paciente e para estabelecer o curso de acompanhamento mais adequado. O tratamento deve ser fundamentado em práticas respaldadas por evidências científicas, sendo que todas as abordagens atuais têm origem na psicologia comportamental, especialmente na Análise Aplicada do Comportamento (ABA - Applied Behavior Analysis).

O objetivo da terapia é aprimorar comportamentos e habilidades, concentrando-se na generalização do comportamento para superar a tendência de aprendizagem isolada. Para aqueles com prejuízos no desenvolvimento da linguagem, podem ser oferecidas intervenções

terapêuticas alternativas, como comunicação não verbal e atividades artísticas. Em contrapartida, indivíduos com aquisição linguística suficiente devem direcionar a terapia para aspectos específicos, como a linguagem pragmática. Além disso, intervenções como a terapia comportamental cognitiva são indicadas para tratar problemas como ansiedade e agressividade.

No âmbito farmacológico, diversos tratamentos podem oferecer benefícios no controle de sintomas específicos ou comorbidades, potencializando os resultados de abordagens não farmacológicas e minimizando questões associadas ao TEA. É crucial destacar que poucos medicamentos foram aprovados especificamente para o tratamento do TEA, e a prescrição deve ser feita com cautela, considerando possíveis efeitos colaterais, dada a escassez de estudos sobre o uso dessas substâncias nesse contexto.

Os artigos encontrados apresentavam as seguintes características:

Quadro 2: Características dos estudos incluídos na revisão sistemática.

Autor	Tipo de estudo	Ano	Título	Resultados
Ana Gabriela Olivati; Lúcia Pereira Leite.	Estudo diagnóstico / Estudo prognóstico	2017	Trajectoria acadêmica de um pós-graduando com transtorno do espectro autista	Os resultados indicam que as necessidades específicas desse público podem passar despercebidas por gestores e professores do ensino superior, podendo resultar na desistência do curso. No caso apresentado, o diagnóstico tardio e a falta de suporte impactaram negativamente o desempenho acadêmico e a experiência universitária do participante.
Fernanda Duarte Rosa; Thelma Simões Matsukura; Carolina Elisabeth Squassoni.	Estudo prognóstico	2019	Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA	Na fase adulta, a maioria desses indivíduos esteve ou ainda está inserida em instituições educacionais especiais, enquanto uma parcela muito pequena permaneceu no ensino regular. As perspectivas educacionais para a vida adulta revelaram a busca por locais de convivência, realização de terapias multidisciplinares, apoio às famílias, atividades de profissionalização para adultos com TEA, atendimento personalizado e a presença de profissionais qualificados.
Ingrid Rosa Carvalho; Joyce Klein; Daiane Matheus Pessoa;	Pesquisa qualitativa	2020	A linguagem como instrumento de inclusão social: uma experiência de ensino do hip hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo	O hip hop desempenhou um papel significativo como instrumento eficaz na mediação dos processos inclusivos de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo participantes deste estudo. Ele proporcionou não apenas momentos de reconhecimento social, mas também oportunidades de

José Francisco Chicon; Maria das Graças Carvalho Silva de Sá.				protagonismo e valorização da juventude desses indivíduos. As diversas formas de linguagem expressas pelos alunos - gráfica, corporal, visual, musical - revelaram suas capacidades criativas e demonstraram que essas diferentes formas de comunicação contribuíram para diminuir a distância na interlocução com outros membros da sociedade.
Aline Kowara; Isabel Cristina Carniel.	Pesquisa qualitativa	2021	A voz do autismo: a linguagem da dor	As autoras apontam a necessidade de simplicidade nas intervenções, com a suspensão de teorias, julgamentos e valores. Assim, adotando uma abordagem fenomenológico-existencial, suspende-se o conhecimento teórico sobre o autismo para compreender o paciente em sua essência. O Acompanhamento Terapêutico possibilitou intervenções essenciais na dinâmica familiar. Conforme as autoras, o processo terapêutico respeitou os mistérios do existir, proporcionando ao paciente uma experiência mais ampla e integrada de sua existência.
Júlio Alves da Silva Neto; Stevam Lopes Alves Afonso; Wânia Cristina de Souza.	Experimental	2023	A utilização da imitação facial em tarefas de reconhecimento de expressões emocionais	Os resultados apresentaram diferenças significativas quando comparadas as tarefas de tensionar ou imitar a face-alvo, sugerindo que a alteração da própria face do observador pode influenciar durante o desempenho de uma tarefa de reconhecimento de emoções em faces.
CONITEC	Estudo de avaliação / Guia de prática clínica / Avaliação de tecnologias de saúde / Estudo prognóstico	2016	Risperidona no comportamento agressivo em adultos com transtornos do espectro do autismo (TEA)	As evidências disponíveis indicam a eficácia da risperidona no controle de comportamentos agressivos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, em relação a outros sintomas investigados, como interesses restritos, interação emocional e comunicação verbal, os estudos convergem para a ausência de significância estatística. No entanto, a escassez de evidências diretas para o uso em adultos reduz a qualidade das informações disponíveis, destacando a necessidade da construção e implementação de um Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas (PCDT) que selecione indivíduos com uma avaliação favorável de riscos e benefícios.

Fonte: Autora, 2024.

O relatório da CONITEC (2016) fala principalmente sobre a incorporação da risperidona no tratamento do comportamento agressivo em adultos com TEA, as evidências científicas sobre sua eficácia e segurança, e o impacto orçamentário de sua implementação. A irritabilidade é uma manifestação inespecífica do TEA que pode se apresentar de forma patológica, convergindo em reações hostis e agressivas, mesmo a estímulos comuns, podendo apresentar impactos negativos sobre a saúde, convívio, eficácia da educação e intervenções terapêuticas das pessoas com TEA. A recomendação da CONITEC em relação ao uso da risperidona para o tratamento do comportamento agressivo em adultos com TEA é favorável à ampliação de uso, ainda que seja baixa a qualidade das evidências disponíveis, devido a plausibilidade biológica e consistência com os resultados em crianças e adolescentes.

Olivati e Leite (2017) revelam a importância do suporte social na jornada educacional e como ele pode impactar positivamente a vida do estudante. A percepção do suporte social do estudante de pós-graduação com TEA variou significativamente entre a graduação e a pós-graduação. Durante a graduação, o participante relatou uma baixa percepção de suporte social, indicando possíveis sentimentos de isolamento e falta de apoio necessário para lidar com os desafios acadêmicos. Por outro lado, na pós-graduação, houve uma percepção de maior suporte social, tanto prático quanto emocional, demonstrando uma melhoria significativa nesse aspecto.

Essa diferença foi atribuída pelo participante a fatores como a melhoria de sua condição socioeconômica, a consciência de seu diagnóstico e a relação próxima com seu orientador, destacando a importância desses elementos na percepção do suporte emocional do estudante com TEA.

Durante a graduação, o estudante enfrentou diversas dificuldades, como a falta de compreensão dos professores, a ausência de núcleos de apoio e suporte, métodos de avaliação pontuais e dificuldades financeiras, que complicaram sua permanência na universidade e impactaram sua saúde mental. Esses desafios levaram o estudante a estender seu curso por 11 anos e geraram angústia, transtorno de ansiedade, depressão e pensamentos de suicídio.

Por outro lado, na pós-graduação, o participante relatou predominantemente pontos positivos, destacando suas habilidades acadêmicas, a proximidade com o orientador e a afinidade com a área de estudo como aspectos importantes para sua permanência na universidade. Além disso, as dificuldades socioemocionais enfrentadas durante a graduação parecem ter tido menos peso nessa fase acadêmica, com o participante conseguindo ingressar e concluir o curso sem grandes dificuldades. Essa transição positiva pode ser atribuída a uma

combinação de fatores, como o amadurecimento do estudante, a melhoria de sua condição socioeconômica, a consciência de seu diagnóstico e a presença de um suporte social mais efetivo na pós-graduação.

Rosa, Matzukura e Squassoni (2019) discutem os principais desafios enfrentados pelos adultos com TEA em seu percurso escolar, conforme relatado por seus familiares, o que incluem dificuldade de acesso e permanência em escolas especiais, vivência de situações de preconceito e barreiras sociais, pouca permanência no ensino regular, com a maioria dos adultos com TEA sendo inseridos em instituições educacionais especiais, "descompasso" entre as habilidades das pessoas com TEA e as exigências das instituições educacionais superiores/profissionalizantes e do mercado de trabalho e falta de oportunidades para adultos com TEA pós ensino médio, resultando em empregos de baixos índices salariais e pouca estabilidade.

Esses desafios destacam a necessidade de apoio individualizado, modificações ambientais, e conscientização comunitária para promover uma melhor qualidade de vida e inclusão dos adultos com TEA na sociedade. A importância da educação inclusiva na garantia de acesso desde a educação infantil até o ensino superior/profissionalizante para pessoas com TEA, de acordo com a Política Nacional da Educação, é fundamental para promover a inclusão e o desenvolvimento pleno desses indivíduos. A política orienta que os sistemas de ensino e aprendizagem devem garantir o acesso de pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA, em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil até o ensino superior e profissionalizante.

Além disso, a Política Nacional da Educação ressalta a importância de ações complementares da educação especial que ampliem as oportunidades de inserção no mercado de trabalho para pessoas com deficiência, incluindo aquelas com TEA. Dessa forma, a educação inclusiva não se limita apenas ao ambiente escolar, mas também engloba a formação e a inserção no mercado de trabalho, visando garantir a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento de todos os indivíduos, independentemente de suas diferenças.

Carvalho et al. analisam a experiência de ensino do hip hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo, com foco na compreensão das manifestações de linguagem e seu impacto na inclusão social. A pesquisa qualitativa, baseada na pesquisa-ação existencial, revelou que a mediação da cultura hip hop promoveu a compreensão e a produção de linguagem de forma crítica e criativa, favorecendo a inclusão social. Os elementos do hip hop, como o rap,

beat box e grafite, permitiram aos participantes expressar suas criações e potencialidades, promovendo o reconhecimento juvenil e o protagonismo dos alunos.

Além disso, a vivência do hip hop possibilitou a ocupação de espaços públicos e a interação com a comunidade, ampliando as relações sociais e culturais dos participantes. Este estudo destaca a importância da valorização das diversas formas de linguagem e da criação de espaços inclusivos que promovam o reconhecimento e a participação ativa de pessoas com deficiência intelectual e autismo na sociedade, potencializando o desenvolvimento a partir da apropriação de novos bens culturais, ampliando suas experiências sociais e culturais. A cultura hip hop também promoveu a ocupação de espaços públicos e a interação com a comunidade, permitindo que os participantes se sentissem inseridos na sociedade e demonstrassem protagonismo social, atuando, então, como uma ferramenta de mediação ao proporcionar momentos de reconhecimento social, valorização da juventude, ampliação das formas de linguagem e inclusão social para os jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo.

Kowara e Karniel (2021) trazem um relato de uma experiência de estágio na área de Acompanhamento Terapêutico (AT) com um jovem adulto diagnosticado com autismo grau leve. O AT é uma atividade clínica com o objetivo de ressocializar pessoas ligadas ou não aos serviços de saúde mental. As intervenções realizadas com o paciente e seus pais articularam a teoria do vínculo de Pichon-Rivière com a fenomenologia existencial, buscando proporcionar uma escuta atenta, compreensão do sofrimento psíquico, acolhimento sem julgamentos e a promoção de reflexões sobre suas cristalizações, resultando em um pensamento mais organizado e integrado, possibilitando ao paciente vivenciar a angústia como abertura para novas possibilidades de ser-no-mundo-com-os-outros.

As autoras destacaram a importância dos vínculos familiares na manifestação das psicopatologias e no tratamento, evidenciando a necessidade de reconstruir vínculos mais saudáveis e a função do AT como um processo de 'holding' para o paciente.

Neto, Afonso e Souza (2023) falam principalmente sobre a imitação facial em tarefas de reconhecimento de expressões emocionais, a capacidade de reconhecer expressões emocionais enquanto o observador tensiona a própria face ou imita a face-alvo, e a influência da imitação facial no desempenho de uma tarefa de reconhecimento de emoções em faces. Os resultados encontrados indicaram que os participantes que imitaram a expressão facial apresentaram uma média de acertos maior do que os participantes que apenas tensionaram a face. Isso sugere que a imitação da expressão facial pode influenciar positivamente o

reconhecimento de expressões emocionais em faces e pode ser útil em treinos de habilidades sociais.

Conclusão

O processo de diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista envolve diversas complexidades e tem evoluído ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças nos manuais diagnósticos. Mesmo em países desenvolvidos, há uma ênfase significativa no diagnóstico precoce na infância e nas abordagens para crianças autistas.

Conseqüentemente, adultos que recebem diagnósticos tardios de TEA, independentemente dos motivos, enfrentam anos de desafios que poderiam ter sido aliviados por intervenções e tratamentos, facilitando sua compreensão de suas próprias histórias de vida. Ressalta-se a dificuldade em encontrar publicações em português.

A pesquisa sobre esse tema é escassa, sendo a maioria dos estudos voltada não para o diagnóstico na fase adulta, mas para as perspectivas futuras das crianças diagnosticadas. Isso reflete uma lacuna significativa em relação a um grupo de indivíduos com TEA, que ao longo da vida enfrentaram dificuldades sem a oportunidade de desenvolver todo o seu potencial. A ausência de abordagens diagnósticas adequadas atualmente gera desafios na adaptação às demandas sociais e nas complexidades da vida adulta.

É imperativo que as políticas de saúde passem por mudanças substanciais, capacitando os profissionais de saúde a lidar de forma mais eficaz com indivíduos que passaram grande parte de suas vidas sem uma compreensão clara de sua identidade e especificidades, assegurando simultaneamente os direitos fundamentais desses cidadãos.

Além disso, é essencial promover mais pesquisas na área para ampliar a compreensão do tema e disseminar informações na sociedade. Isso contribuirá para uma maior conscientização pública sobre o Transtorno do Espectro Autista, reduzindo o estigma e promovendo uma compreensão mais abrangente por parte da comunidade em geral. Este projeto de mestrado visa realizar uma revisão bibliográfica abrangente e aprofundada sobre o autismo em adultos, concentrando-se em aspectos psicológicos, sociais e emocionais.

O Transtorno é uma condição neurodesenvolvimental que afeta a comunicação, interação social e comportamento. Enquanto grande parte da pesquisa tem se concentrado em crianças, há uma crescente necessidade de compreender os fatores psicológicos que influenciam a qualidade de vida, bem-estar emocional e adaptação social de adultos com TEA. Esta revisão

abordou a literatura em português para identificar tais fatores e explorar intervenções psicológicas eficazes para promover o desenvolvimento pessoal e social nessa população.

Ainda que a literatura em línguas estrangeiras destaque as dificuldades decorrentes do TEA, os estudos em português são escassos. A alta prevalência de ansiedade e depressão em adultos com TEA têm sido associados a desafios na interação social e limitações na qualidade de vida.

Além disso, a construção do autoconceito e identidade em adultos com TEA emergiu como um fator crucial para a adaptação social e o bem-estar emocional. Compreender como os adultos com TEA percebem a si mesmos é essencial para o desenvolvimento de intervenções eficazes. As dificuldades com habilidades sociais podem impactar negativamente a qualidade de vida e a participação social. Intervenções focadas no desenvolvimento de habilidades sociais podem, portanto, ser benéficas para melhorar a adaptação social em adultos com TEA. Isso inclui estratégias específicas para melhorar a comunicação e a interação social.

Programas que incorporem apoio psicossocial, incluindo grupos de apoio e mentoria, podem proporcionar um ambiente de suporte que promova a construção de identidade positiva e a participação social e a adaptação de técnicas cognitivas e comportamentais para atender às necessidades específicas desses indivíduos podem ter resultados promissores.

O foco tradicional da pesquisa em Transtorno do Espectro Autista (TEA) frequentemente se concentrou em crianças, negligenciando as experiências subjetivas dos adultos com TEA. Esta revisão busca preencher essa lacuna, explorando as perspectivas, narrativas e necessidades específicas ao longo da vida desses adultos, além de avaliar as implicações das características do autismo na idade adulta para políticas públicas, serviços de saúde mental e programas de inclusão social.

Esta revisão destaca a importância de compreender os fatores psicológicos que afetam a qualidade de vida, bem-estar emocional e adaptação social em adultos com TEA. Futuras pesquisas e práticas clínicas devem continuar a explorar abordagens personalizadas e inovadoras para atender às necessidades específicas desta população em crescimento. Ressalta-se, ainda, a necessidade de uma abordagem mais centrada nas experiências subjetivas dos adultos com TEA, destacando suas perspectivas, narrativas e necessidades específicas ao longo da vida. As implicações para políticas públicas e programas de inclusão social são evidentes, apontando para a urgência de estratégias que promovam a participação plena e a qualidade de

vida para essa população única e diversificada. O entendimento dessas experiências é fundamental para informar a formulação de políticas mais inclusivas e abrangentes.

Referências

ALVARENGA, N. M. Lei Berenice Piana e inclusão dos autistas no Brasil. **Revista Jus-Fadiva**. 2017;12.

CARVALHO, I. R.; KLEIN, J.; PESSOA, D. M.; CHICON, J. F.; DE SÁ, M. das G. C. S. A linguagem como instrumento de inclusão social: uma experiência de ensino do hip hop para jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo. **Movimento: Revista de Educação Física da UFRGS**, Porto Alegre, v.26, e26033, p.01 - p.13, maio, 2020.

CONITEC. Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no sistema único de saúde (CONITEC). **Risperidona no comportamento agressivo em adultos com transtornos do espectro do autismo (TEA)**. Brasília; CONITEC; jan. 2016.

FLETCHER-WATSON, S.; HAPPÉ, F. **Autism: A New Introduction to Psychological Theory and Current Debate**. Editora: Routledge; 2ª ed., 2019.

FOMBONNE, E. Epidemiology of Pervasive Developmental Disorders. **Pediatric Research**, 2009; 65(6):591-8.

GARDENER, H.; LYALL, K. Perinatal and neonatal complications in Autism Etiology. In: PATEL, V. B.; PREEDY, V. R.; MARTIN, C. R. editors. **Comprehensive guide to Autism**. London: Springer Reference, 2014. p. 3-25.

GAUS, V. L.; ATTWOOD, T. **Cognitive-Behavioral Therapy for Adults with Autism Spectrum Disorder**. Editora: The Guilford Press, 2018.

GUTHRIE, W.; SWINEFORD, L. B.; NOTTKE, C.; WETHERBY, A. M. Early diagnosis of Autism Spectrum Disorder: Stability and change in clinical diagnosis and symptom presentation. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**. 2013; 54(5):582-90.

KOWARA, A.; CARNIEL, I. C. A voz do autismo: a linguagem da dor. **Vínculo**, Abr 2021, vol.18, no.1, p.120-127.

MATSON, J. L. **Handbook of assessment and diagnosis of Autism Spectrum Disorder**. London: Springer, 2016.

OLIVATI, A. G.; LEITE, L. P. Experiências Acadêmicas de Estudantes Universitários com Transtornos do Espectro Autista: uma Análise Interpretativa dos Relatos. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 25, n. 4, p. 729–746, out. 2019.

OLIVEIRA, B. D.O.; FELDMAN, C.; COUTO, M. C. V.; LIMA, R. C. Políticas para o Autismo no Brasil: Entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Revista de Saúde Coletiva**. 2017;27(3):707-26.

PAULA, C. S.; RIBEIRO, S. H., FOMBONNE, E.; MERCADANTE, M. T. Brief report: Prevalence of Pervasive Developmental Disorder in Brazil: A pilot study. **J Autism Dev Disord**. 2011; 41:1738-42.

ROSA, F. D.; MATSUKURA, T. S.; SQUASSONI, C. E. Escolarização de pessoas com Transtornos do Espectro Autista (TEA) em idade adulta: relatos e perspectivas de pais e cuidadores de adultos com TEA. **Cad. Bras. Ter. Ocup**; 27(2): 302-316, abr.-jun. 2019.

SILVA NETO, J. A. da; AFONSO, S. L. A.; SOUZA, W. C. de. A Utilização da Imitação Facial em Tarefas de Reconhecimento de Expressões Emocionais. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 43, p. 1-15, 2023.

VOLKMAR, F. R.; WIESNER, L. A. **Autismo: Guia Essencial para Compreensão e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 2018.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

ALVES, Hellen Cristina de Oliveira. O Diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista na Fase Adulta: Uma Scoping Review. **Id on Line Rev. Psic.**, Maio/2024, vol.18, n.71, p. 1-18, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 02/03/2024; Aceito 13/03/2024; Publicado em: 31/05/2024.